

Um auto-retrato do pintor William Hogarth, em Londres — um instante do século XVIII —, com uma paleta, nesta, dividindo-a em duas, mais ou menos ao meio, uma linha levemente ondulada, a chamada *Line of Beauty and Grace*. E, na secretária, uma pedra chata, arredondada, vinda das margens do lago Constança: no granito escuro, uma fina sinuosidade diagonal, como que lúdica, desviando-se da recta exactamente no momento certo, uma veia branca como a cal que separa e mantém unidas as metades do seixo. E, naquela viagem, naquele comboio suburbano, por entre as colinas que, a ocidente de Paris, bordejam o Sena, àquela hora da tarde em que, porque em regra já se dissipou a frescura da luz e do ar de certos amanheceres, nada é já natural e só o entardecer ajude, talvez, a sair do garrote do dia, aquele repentino guinar dos carris num longo arco, estranho, que espanta, sobranceiro a toda a cidade que, inesperadamente, se estende, livre, ao longo do vale ribeirinho juntamente com os seus ex-líbris, agigantando-se, tão inclinados quanto reais, ali mais ou menos à mesma altura de St. Cloud e Surresnes, com que imprevisível curva se rompeu com a estreiteza, recebendo o curso do dia, num segundo de passagem da imobilidade do olhar para o pestanejar, uma nova direcção, e eis que regressou a ideia, já quase abandonada, do

«dia conseguido», acompanhada do impulso, que excita, de ensaiar ainda uma descrição, ou enumeração, ou narração dos elementos e problemas próprios de um tal dia. A «linha da beleza e da graciosidade» na paleta de Hogarth parece indubitavelmente abrir caminho por entre as informes massas de cor, afigurando-se nelas incrustada ao mesmo tempo e, é como se lançasse sobre elas uma sombra.

Quem viveu já um dia conseguido? À partida, a maioria não hesitará talvez em afirmá-lo. Será, pois, necessário continuar a perguntar. Queres dizer «conseguido» ou apenas «belo»? É de um dia «conseguido» que falas, ou de um — igualmente raro, é verdade — «despreocupado»? É para ti um dia que decorreu sem problemas já um dia conseguido? Vês alguma diferença entre um dia feliz e o conseguido? Será, para ti, diferente dizer, com a ajuda da memória, deste ou daquele dia conseguido, de o fazer agora mesmo, imediatamente no seu encaço, sem a metamorfose do tempo-entre, na noite do mesmíssimo dia cujo qualificativo não pode depois ser um «superado» ou «ultrapassado», mas unicamente «conseguido»? Será, pois, para ti, o dia conseguido completamente diverso de um dia tranquilo, de um dia de sorte, de um preenchido, de um dia activo, de um que só a custo se suportou, de um transfigurado pela lonjura do passado — basta aqui um pormenor e um dia inteiro eleva-se em glória —, também de um qualquer Dia Grande para a ciência, a nossa pátria, o nosso povo, os povos da Terra, a Humanidade? (De resto: vê — ergue o olhar — o contorno do pássaro ali em cima da árvore; para o que o verbo grego para «ler» nas «Epístolas de Paulo», traduzido literalmente, significaria «erguer o olhar», um proverbial «apreender *ascendental*», um «reconhecer *ascendental*», uma palavra sem forma especial de ordem que é já uma exortação ou um chamamento; e acrescentem-se-lhe ainda aqueles colibris da floresta sul-

-americana que, ao abandonar a sua árvore-refúgio, imitam o movimento de uma folha cadente a fim de enganar os abutres predadores...) — Sim, o dia conseguido não é para mim como os demais; ele *significa-me* mais. O dia conseguido é mais. Ele é mais do que uma «observação conseguida», mais do que um «lance de xadrez conseguido» (até do que um jogo inteiro conseguido), do que uma «primeira escalada conseguida no Inverno», é algo de diferente de uma «fuga conseguida», de uma «operação conseguida», de uma «relação conseguida», de qualquer «coisa conseguida», sendo também independente de um traço de pincel ou frase conseguidos, e não tendo sequer nada que ver com aquele «poema conseguido no espaço de uma hora, após uma vida inteira de espera»! O dia conseguido é incomparável. Não tem par.

Será que a consecução de um único dia se poder tornar tema (ou recriminação) é característica da nossa época particular? Pondera que, noutros tempos, o que contava era, antes de mais, a fé no «instante» bem aproveitado, que podia, é certo, caucionar «toda a vida longa». Fé? Representação? Ideia? De qualquer modo, em tempos idos, legitimava-se, tanto no pastoreio nos montes Pindo, como nas deambulações aos pés da acrópole ateniense, ou ainda nas camadas de muro dividindo os campos no planalto pedregoso das arcádias, precisamente algo como um deus de um tal instante ou átomo de tempo conseguidos, um deus, de resto, do qual, ao contrário do que é habitual em relação a outras divindades gregas, não existia nem imagem nem história: o divino momento engendrava ele próprio as suas imagens, sempre diversas, e narrava-se, agora, agora e agora, ao mesmo tempo a si próprio, àquele *kairos*, como uma história, e aquele deus do instante era, na sua altura, bem mais poderoso que todas as figuras divinas aparentemente alicerçadas na durabilidade — sempre presente, sempre ali, sempre vigoroso.

Por fim, também ele foi desapossado — ou não? quem sabe? —, o vosso deus do «Agora!» (*e* dos olhos que assim se encontraram, *e* do céu que, ainda agora informe, assim ganhou forma, *e* da pedra gasta que, de repente, assim se perfilou nas suas cores, *e*, *e*), pela crença seguinte — na verdade, agora já nem representação, nem ideia, mas crença «produto do amor» — numa nova Criação, enquanto concretização dos instantes e dos tempos através do fazer-se homem, da morte e ressurreição do Filho de Deus, e, logo, na chamada eternidade; uma boa nova acerca da qual os seus seguidores, por um lado, admitiam não ser ela já feita à medida do Homem e, por outro, afirmavam que os que nela acreditassem conseguiriam alcançar, para lá dos meros instantes da filosofia, os éons, ou justamente as eternidades da religião. Seguiu-se depois, dispensados que estavam tanto o deus do instante como o da eternidade, ainda que sem o zelo capaz de invalidar qualquer dos dois, a fase de um terceiro poder, puramente imanente, francamente mundano, que visava — que me importa o vosso culto de Kairos, ó helénicos, a vossa felicidade celestial, ó cristãos e muçulmanos — algo de intermédio: a consecução do meu estar-aqui individual, o tempo de vida conseguido que é exclusivo de cada um. Fé? Sonho? Visão? Antes de mais, pelo menos na origem deste período, certamente que uma visão: a do despojamento desencantado de toda e qualquer fé de todos os conceitos; uma espécie de obstinado devaneio diurno. Uma vez que já nada é pensável para além de mim, farei da minha vida o mais-possível. E foi assim que este terceiro poder foi, em palavras e actos, um tempo de superlativos, de trabalhos de Hércules, de movimentos mundiais. «Foi»? Significará isto que o seu tempo já passou? Não, a ideia de uma vida inteira que chega ao conseguimento pelo dinamismo continua, naturalmente, ainda em vigor e permanecerá sempre frutuosa. Só que, entretanto, parece não haver já quase nada a dizer acerca dela: as

epopeias e os romances picarescos dos pioneiros, que, determinados, abraçavam o sonho primeiro do feito existencial, foram já narrados e constituem, além do mais, o modelo para as vidas porventura conseguidas de hoje — sempre uma variação da conhecida fórmula: «plantar uma árvore, fazer um filho, escrever um livro» —, sendo que de narrável nesta matéria há no máximo ainda pequenas variantes estranhas ou glosas, casuais, assim de passagem, como o exemplo de um homem jovem, 30 anos acabados de completar, casado com uma mulher que estava certo de continuar a amar até ao fim, professor numa pequena escola da periferia, para cujo jornal mensal ele redigia ocasionalmente sugestões de teatro e cinema, sem qualquer outra ambição para o futuro (nem árvore, nem livro, nem filho) e que, não apenas desde que completara o seu trigésimo ano de vida mas já em alguns dos últimos aniversários, afirmara francamente a quem o conhecia, com um solene brilho nos olhos, que tinha a certeza de ser a sua vida conseguida (na verdade, a frase no original francês, «*j'ai réussi ma vie*» é, sem dúvida, ainda mais estranha — «eu fiquei aprovado na minha vida»? «Dominei-a»?). Será que a visão epocal da vida conseguida agia ainda sobre este contemporâneo? Ou tratava-se outra vez de um acto de fé? Há já muito que a frase foi proferida, mas, agora, na imaginação, seja o que for que se tenha passado com o homem desde aquela altura, seguir-se-ia à pergunta das visitas a sua por demais evidente reiteração. Portanto, fé. Que espécie de fé? — O que poderá ter acontecido àquela jovem «vida conseguida»?

Queres com isso sugerir que o teu dia dito conseguido, ao contrário da vida conseguida, produziria hoje em dia mais do que meras glosas ou pós-escritos ou travestis? Tratar-se-á, então, de algo assim tão diferente do lema da idade de ouro romana, aquele *carpe diem* que agora, passados dois mil